

Título brasileiro desaba

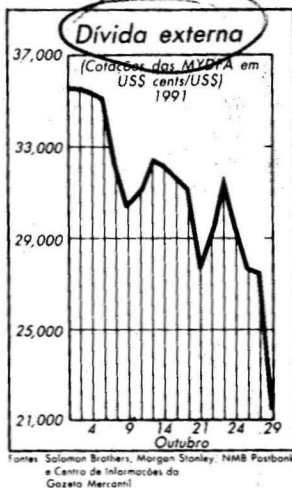
30 OUT 1991

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

No final da tarde de ontem, em Londres, o Bankers Trust começou a ligar para várias corretoras e vender um lote estimado em cerca de US\$ 20 milhões de MYDFA, a sigla em inglês para "Instrumento de Depósito do Acordo Multi Anual" de 1988, o principal título da dívida externa do Brasil. O Manufacturers Hanover e o Morgan Grenfell o acompanharam.

Esse foi o rumor no mercado para explicar a grande queda no preço dos MYDFA, de uma média de 27,5 centavos por dólar na segunda-feira para uma média de 21,5 centavos ontem, uma variação de 21,36% num único dia, que chegou a ser ainda maior, de 25,91%, quando o papel desceu até 20,375 centavos por dólar em torno do meio-dia.

Por trás da decisão do Bankers Trust de vender MYDFA estaria sua venda do papel a investidores pri-



vados com uma opção de "PUT" a 24 com 25 centavos por dólar. Com essa opção, os investidores teriam o direito de devolver os títulos ao banco se o papel cruzasse essa faixa de preço, o que aconteceu ontem. Para não aumentar sua concentração no País, o banco teria então vendido MYDFA no mercado.

Isso é um rumor, ou seja,

uma informação não confirmada. Mas era amplamente divulgado no mercado, ontem, e influenciou seus participantes, o que significa que teve um efeito real nos acontecimentos, ainda que se demonstre infundado posteriormente. Procurado por este jornal, um porta-voz do Bankers Trust não quis fazer nenhum comentário sobre o rumor de ontem.

Também "há uma sucessão de más notícias", disse a este jornal um operador do Banque Paribas, Varun Gusein. Nesse contexto, "primeiro, surgiu na tela a decisão de um juiz do Rio de Janeiro contra a privatização da Celma. Depois, a nova explosão no preço do dólar paralelo. E aí surgiram vários bancos vendendo em Londres", lembra um operador do First Boston, Martin Braun.

A saída do Banco Central do mercado do ouro levou vários banqueiros a suspeitar de uma queda nas reservas do País. Isso produziu dúvidas no mercado sobre a capacidade de honrar a última parcela de pagamento dos juros atrasados, de cerca de US\$ 350 milhões, e de continuar com o pagamento de 30% dos juros correntes.

"Há muito nervosismo, e o mercado está com posições muito longas em títulos do Brasil", diz Conor O'Driscoll, da corretora alemã Metallgesellschaft. "O nível de incertezas sobre a economia do País impede a entrada de investidores, o que significa que o mercado é de operadores. O Deutsche Bank vende para mim, que vendo para o Chase Manhattan, que vende para o Citibank, que

vende para a Merrill Lynch. E não há saída para fora do mundo das corretoras", explica.

A cada passagem do papel de uma mão para outra, o preço vai sendo deprimido. "Ironicamente, agora, talvez nem um acordo do Brasil com o Comitê Assessor de Bancos seja suficiente para restaurar a confiança no mercado", raciocina O'Driscoll. "O único fator capaz disso parece ser a estabilização da economia brasileira."

Outro temor corrente é o de que, no último trimestre do ano, tradicionalmente grandes bancos credores desovam títulos dos países em desenvolvimento para melhorar seus balanços. Se tentarem se livrar dos MYDFA ao mesmo tempo, os bancos podem levar o preço do papel ao colapso. Ele já valia ontem o mesmo que um papel da Polônia.

(Ver página 25)